



A PAISAGEM DE PEREGRINOS A PÉ: O HORIZONTE É LOGO ALI

■ JOSÉ ARILSON XAVIER DE SOUZA¹

Resumo: Este artigo visa discutir sobre os significados da paisagem de peregrinos a pé quando no ato da caminhada. Sobre os estudos das peregrinações a pé e suas relações com a geografia compreende-se espacialidades interpretáveis à luz das noções e significados manifestos a partir da paisagem e horizonte, enquanto campos visuais que comportam o invisual. Relacionado expressamente com a paisagem geográfica, entendido como parte desta, o horizonte é intrigante àqueles que o tentam refletir, sugerindo uma variedade de abordagens.

Palavras-chave: Paisagem; Religião; Peregrinação a pé; Geografia.

O Horizonte é Logo Ali

Sim, é logo ali o horizonte
Claro, eu vou mais além
Mais além é logo ali,
Está a um passo, o novo passo
Onde? Nas nuvens, onde mora o bem
Então seria justo rasgar o que se tem
No próximo espaço
Ligado aí na espia
Espera por nós a espera de um novo dia
Depois de algum tempo é preciso ser forte,
Romper pro sul, romper pro norte
Antes de soprar o vento louco
O equilíbrio, o equilíbrio de Deus
Elevando, elevando os pensamentos
Pensamentos meus e seus

Clarabóia invadindo o breu, Clarabóia
invadindo o breu
O equilíbrio, o equilíbrio de Deus

O caminho não está pronto mas
É preciso sempre caminhar muito mais
O caminho se mostra enquanto persistente
Caminhar sempre pra frente

Liberte os pensamentos

(Vê Domingos/ Marcelo Falcão/ Xandão/
Marcelo Lobato/ Lauro Farias/ Tom Saboia
– O Rappa, Cd Nunca tem fim, 2013).

Introdução

Ao ter como referência a letra da música *O horizonte é logo ali*, da banda carioca *O Rappa*, realiza-se a interpretação e a contextualização do seu conteúdo com as práticas religiosas populares vivenciadas em centros de romarias. Além de compor o título do trabalho, as suas passagens são contextualizadas em nossas reflexões ao longo do texto e integram ainda o título de suas seções: *horizonte, além, espaço, bem, passo, novo dia, força, rompimento, equilíbrio, pensamento, caminho, persistência e liberdade* – notem-se as combinações. Numa tentativa de aproximação poética, acreditamos que cada um desses movimentos e/ou expressões reverberam espacialidades na prática de peregrinar a pé.

Compreendemos que os peregrinos a pé possuem uma vivência de paisagem que perpassa por referências físicas. Neste ensejo, o horizonte demarca uma representação simbólica no ato de peregrinar na busca por espaços sagrados. Em outros termos, simbolicamente, o horizonte pode funcionar como expressão espacial que possibilita a interação entre o homem e o cosmos. Assim, a fala e a linguagem corporal revelada pelo devoto indica uma reflexão oportuna aos estudos de geografia e religião.

No anseio de relacionar fé e geografia, diante da dimensão temática e da complexidade posta em discussão, buscamos, dentre outras, aportes nas seguintes obras: *Fenomenologia da Percepção*, de Maurice Merleau-Ponty (2006)², *Poética e Filosofia da Paisagem*, de Michel Collot (2013), *Ver a Terra - seis*

ensaios sobre a paisagem e a geografia, de Jean-Marc Besse (2006), e *A paisagem dos geógrafos*, de Paul Claval (2012). É da soma dessas reflexões teóricas com as nossas compreensões empíricas que surge a ideia de pesquisar e refletir sobre a noção de horizonte e paisagem no que concerne a geografia e peregrinação a pé.

Destarte, o artigo visa pensar as espacialidades da peregrinação a pé adotando a paisagem religiosa e o horizonte como matrizes. Com efeito, esse trabalho é parte de um desejo de conhecer o entendimento de mundo do agente espacial *peregrino a pé* no espaço-tempo em que exerce simbolicamente o ato próprio da caminhada³. A nossa tentativa recai, deste modo, sobre a intenção de articular a experiência do ver e o sentir o sagrado na perspectiva do meio envolvente da peregrinação.

Situaremos algumas narrações da vida de peregrinos para enriquecer em nossas reflexões a discussão sobre este universo simbólico⁴. A proposta foi pensada de modo a aproximar a linguagem simbólica das narrativas dos fiéis numa busca por conceitos e metodologias que permitissem interpretar geograficamente a fala dos peregrinos sobre a questão do significado da paisagem⁵.

Espaço e Peregrinações a Pé

"Da Terra vêm as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e seu próprio

comportamento, que se misturam com sua vida orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos." Eric Dardel

Aventurar-se ao largar a tranquilidade do lar, de mochila nas costas e o cajado nas mãos, passar por caminhos por vezes desconhecidos, enfrentar as intempéries climáticas e outras surpresas naturais, seja dia ou noite, sozinho ou em grupo, encontrar-se com outros do mesmo credo e desfrutar de certo convívio social, disputar espaços com outros, parar, descansar, se pôr a caminhar, orar e vigiar, recitar ladainhas, pedir, agradecer, deparar-se com formas espaciais religiosas dispostas pelo itinerário, alimentar o corpo e o espírito em busca de um santuário, de um espaço sagrado, são algumas das qualificações espaciais exercidas pela experiência das peregrinações a pé.

A peregrinação traduz um modo de agir no mundo com suas devidas espacialidades e merece, portanto, análises geográficas (ROSENDAHL, 2006; SANTOS, 2006; CARBALLO, 2009). Rosendahl aponta que "a palavra peregrino não aparece nos dicionários básicos de geografia, embora se refira a uma experiência humana repleta de significados e de nítida dimensão espacial" (2006, p. 119). O ato de peregrinar se constitui como algo sublime, uma vez que o peregrino se permite ao sacrifício, que não raro evoca privações e revela exaltações: a Deus, aos santos ou ainda ao próprio ser do

religioso, que tem no seu corpo parte da sacralização do ato⁶.

"A palavra sacrifício é essencialmente religiosa: sacrificar (*sacrum facere*) significa tornar sagrado" (SUAVET, 1960, p.242). Isso denota que ao caminhar em peregrinação o homem religioso se coloca numa situação de engrandecimento espiritual. Ele busca o sagrado que está concentrado no templo em momentos da celebração religiosa, mas se faz do sagrado que o acompanha passo a passo. Esse homem religioso se fortalece do sagrado que se manifesta no espaço, no lugar, no território e na paisagem. Sagrado que se qualifica em formas espaciais religiosas encontradas e reconhecidas pelo devoto. Assim, como expresso nas palavras de Dardel, tendo em mente o fenômeno da peregrinação, separar o homem do seu mundo exterior parece impossível.

Os saberes populares sugerem que há romeiros e Romeiros – e por que não considerar que haja peregrinos e Peregrinos? Essa ideia exprime uma qualificação "maiúscula" ao segundo nomeado, pois este estaria mais habituado em participar dos eventos religiosos praticando atos de fortes representatividades ligadas à fé e ao apego às santidades. As suas espacialidades são diferentes do peregrino-religioso indicado com inicial minúscula. A pluralidade das intenções humanas imbricadas nas ações peregrinas recomenda discernimento ao pesquisador de geografia da religião.

Dedica-se ao ato da peregrinação variadas intenções: a) há aqueles que estabelecem contrato com as santidades

por meio de promessas; b) há aqueles que fazem para agradecer por graças alcançadas; c) há aqueles que realizam pedidos; d) há aqueles que se acham, de alguma maneira, em dívida; e) há aqueles que parecem querer ganhar certo crédito com as santidades. As respostas aos questionamentos quase sempre revelam perspectivas atreladas a promessas, agradecimentos e pedidos direcionados à vida material: saúde, emprego, habitação, convívio socioambiental, entre outros. Trata-se de temas caros ao entendimento e que revelam anseios desejosos de prosperidade, o que ratifica o quão criativa é a imaginação do homem religioso. Os modos de pagamento das promessas são também variados e criativos. O espaço recebe parte dessas idealizações.

A peregrinação a pé é uma forma tradicional cristã de aliança do homem com a divindade, e, de certo, com o meio. Um meio que serve ao ato do sacrifício e inscreve fatos humanos e sociais no espaço. Por outro dizer, a vida tem pulsão no instante da peregrinação. Os antropólogos Notermans e Jansen (2011) apontam que para compreendermos os significados que os peregrinos atribuem à peregrinação, não só deveremos estudar os lugares sagrados, mas também os seus movimentos no espaço e os objetos que se movem junto com eles e os vinculam aos determinados lugares sagrados, tendo como tônica uma prática religiosa ligada e motivada pelo cotidiano.

Ao sugerir uso e mobilidade espacial, a peregrinação, em suas simbologias, pode ser estudada a partir dos impulsos espirituais e materiais do

homem. O próprio ato de peregrinar a pé é físico e simbólico. É místico, mítico, cultural e geográfico. A peregrinação é uma forma de ser-no-mundo. É uma forma de ser-no-espço. É, também, uma forma de ser-na-paisagem. As paisagens da peregrinação a pé, de certo, falam de vida.

Para a geógrafa Cristina Carballo (2009, p.32):

"As peregrinações aos santuários (ou lugares sagrados), como espacialidade dinâmica, são processos rituais que colocam em ação valores e símbolos dominantes da sociedade. A peregrinação pode ser entendida como um ritual de trânsito liminar que conduz as pessoas a um estado emocional que lhe permite entrar em um espaço-tempo sagrado."⁷

No pensar da geógrafa, reconhecemos que as peregrinações possuem valores simbólicos relacionados com a dinâmica social e que são demonstrados por meio da fé. Entende-se ainda que os seus símbolos e significados devam ser interpretados sobre a noção de um ritual que envolve sentimentos e emoções numa perspectiva de experiência transcendental.

A religião, por sua vez, pode facilitar e instigar a busca a esses espaços, e, para tanto, é necessário assegurar-se de auferir testemunhos que corroborem favoravelmente à iluminação espiritual destes locais,

produzindo religiosidades (MONTCHEULL, 1962). O povo, por sua vez, não segue rigorosamente o dito pela instituição religiosa e organiza, consoante seus próprios modos e crenças, suas inserções nesses espaços.

Compreendemos a peregrinação como um dos fenômenos que representa os anseios apelativos e de animação do mundo para o homem religioso no que se refere ao seu relacionamento com a terra⁸, gerando atenção as suas dinâmicas espaço-temporais. cremos que a paisagem e o horizonte integram essas dinâmicas.

A Paisagem, o Horizonte e o Além_____

"Para além de nossos horizontes não a nada a se ver senão outras paisagens ainda e outros horizontes." Merleau-Ponty

As abordagens culturais em geografia vêm permitindo o reconhecimento de eixos temáticos que se preocupam com a dimensão espacial da cultura. As representações simbólicas e a capacidade criativa da imaginação humana interessam a orientação do geógrafo na atualidade. Estudos já realizados demonstram as possibilidades de pensar a cultura como manifestação espacial (CORRÊA, 1997). Compreender o sentido humano das paisagens diz respeito ao ponto de vista cultural (BERQUE, 2012). Neste contexto, o conceito de paisagem revela-se como objeto de compreensões plurais no âmbito geográfico.

Sobre esta discussão, o geógrafo

Paul Claval (2012, p.263) ressalta:

"As atitudes se modificaram no decorrer da década de 1970. O impacto das filosofias fenomenológicas influenciou-as significativamente: o mundo que o indivíduo percebe jamais é objetivamente dado. É preciso fazer um esforço para retornar às sensações e desconstruir aquilo que nossa educação nos ensinou [...] Não é esse o momento de lembrar que a paisagem é criada pelo observador e depende do ponto de vista que ele escolheu e do enquadramento que lhe dá? A liberdade que tem o geógrafo de se deslocar para multiplicar os ângulos não elimina essa dimensão subjetiva.

A desconstrução dos estudos acerca da paisagem em geografia passa pela ideia de trata-la como escritura passível de leituras diversas. "A linha interpretativa dentro da geografia cultural recente desenvolve a metáfora da paisagem como 'texto' a ser lido e interpretado como documento social" (COSGROVE e JACKSON, 2007, p. 137). Seus signos transmitem mensagens que têm o poder de comunicação dependente das experiências e enquadramentos de quem a constrói – no caso deste estudo, o peregrino a pé em caminhada. Ao geógrafo cabe a tarefa de multiplicar as diferentes maneiras de perceber e sentir a paisagem.

Para Duncan (2004, p.106), a paisagem:

"É um dos elementos centrais num sistema cultural, pois, como um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado. Para compreender essa qualidade estruturada e estruturante da paisagem, necessitamos primeiramente perguntar o que é o significado da paisagem."

Segundo Paul Claval (2008), dentre outros, os aspectos relacionados com a imaginação nos estudos de geografia vêm permitindo a explicação da dimensão dinâmica da cultura e as possibilidades que ela oferece aos homens de se projetarem no futuro, pondo, de fato, a geografia em outros caminhos investigativos. Contudo, reconhece que ainda lidamos com um problema epistemológico quando o assunto refere-se aos *outros mundos* – aqueles mundos imaginados com vistas no futuro, no desconhecido, no além. A paisagem, o horizonte, por suas vezes, não deixam de estar contidos neste conjunto, pois parecem abrir perspectivas de sonhos e fantasias que não podem ser desvinculadas de nossas geografias (BACHELARD, 1988).

Em nossas reflexões sobre a paisagem e peregrinações a pé almejamos endossar as ideias concernentes ao horizonte e contextualizá-lo de maneira temática como uma reflexão geográfica. Para tanto, investidas interdisciplinares se fazem necessárias, bem como indispensáveis são as narrativas dos

devotos religiosos, servindo às interpretações que intencionam descrever e explicar as suas realidades na vivência em espaços sagrados.

Os significados que dispensamos para o termo *horizonte* dão conta de informar que este seria uma espécie de linha imaginária definida pelo alcance da visão, que demarca o encontro entre o céu e a terra ou entre o céu e o mar. Em situações em que se está diante de campos abertos, não raro o horizonte tem seu nome pronunciado. Fala-se em imensidão. Somos tomados por sentimentos, variáveis em suas qualificações, que nos levam para lugares que não estão diante de nossa visão, como numa "espécie de espaço pensado" (NANCY apud COLLOT, 2013, p. 35).

Quanto à capacidade do horizonte em nos permitir uma co-presença e/ou co-existência de paisagens, pelo menos no plano da imaginação, nos abrindo o mundo, atentemos para o teor das palavras do filósofo Maurice Merleau-Ponty (2006, p. 442-443):

"No horizonte interior ou exterior da coisa ou da paisagem, há uma co-presença ou uma co-existência dos perfis que se ata através do espaço e do tempo. O mundo natural é o horizonte de todos os horizontes [...] Por meu campo perceptivo, com seus horizontes espaciais, estou presente à minha circunvizinhança, coexistindo com todas as outras paisagens que se

estendem para além dela, e todas essas perspectivas formam em conjunto uma única vaga temporal, um instante do mundo."

Experiência sensível no plano paisagístico do espaço, entendemos que o horizonte aparece ao homem como referência de vida, e, para o homem religioso, essa perspectiva vai além de sua vida terrena. Ao comportar o visível, o horizonte, sempre inalcançável em sua forma, mas vivido, reintroduz a imaginação ao mundo do invisível, inscrevendo uma paisagem um tanto espetacular (COLLOT, 2013). As materialidades não são desconsideradas, mas não se bastam. Sobre o horizonte, Michel Collot (2013, p. 51) diz:

"Um espaço percebido e/ou concebido, logo, irredutivelmente subjetivo. O horizonte, que é constitutivo da paisagem, revela bem sua dupla dimensão: é uma linha imaginária (não a encontramos representada em mapa algum), cujo traçado depende, ao mesmo tempo, de fatores objetivos (o relevo, as construções eventuais) e do ponto de vista de um sujeito."

Jean-Marc Besse nos fala de um espaço tênue, de um olhar humano que vai do invisível ao visível, do distante ao próximo, de um mundo que se apresenta em paisagem. Para este geógrafo:

"Há em primeiro lugar esta parte invisível do espaço, que bordeja e

extravasa constantemente o visível, e lembra o quanto a paisagem delimita um mundo e insinua em suas margens a presença de uma vida tumultuosa. Depois há o horizonte, as lonjuras, como sinal e anúncio de uma promessa, um apelo [...] Todos os pontos do espaço, as margens, os centros, o longe e o perto marcam essa insistência do infinito no finito que trabalha no interior da paisagem e a define." (BESSE, 2006, p. IX).

O horizonte, por meio deste modo de compreender a paisagem, parece convidar a imaginação a *outros mundos*: fala-se de recriação da vida, uma vez que o mundo é uma unidade aberta e indefinida em que estamos situados (MERLEAU-PONTY, 2006). A fé exercida pelo homem religioso na busca pelos lugares sagrados se expressa como uma das possibilidades de recriação do mundo e da vida. O cientista que se debruça nestes estudos deve entender tal compreensão.

Reconhece-se, assim, a multiplicidade dos estudos em geografia no que toca às espacialidades do sagrado. Extremamente impregnado de valor simbólico, o sagrado irrompe em determinados espaços, qualificando-os em uma dimensão religiosa (ROSENDAHL, 2012). Para o nosso estudo, portanto, o sagrado representa cerne de análise geográfica.

Propomos, então, certas interrogações: quais significados de horizonte surgem ao peregrino a pé

quando do ato de tal prática? Como esses significados se relacionam com as espacialidades de sua peregrinação e com o mundo social? De que modo esses significados e espacialidades denotam as qualificações simbólico-sagradas das paisagens das peregrinações a pé? Desfazendo-nos de “verdades” já previamente conhecidas, iremos nos aprofundar em conhecer algumas das compreensões de devotos de peregrinações a pé.

A partir da Romaria de Nosso Senhor do Bonfim (Natividade-TO), em pesquisas empíricas anteriores, em 2013, as narrativas resultantes de entrevistas com peregrinos a pé⁹ nos alertaram para pensar os significados da “ida ao sagrado” e a “busca pelo santuário”.

O Espaço Sagrado e o Bem, o Passo e o Novo Dia

“Venho à Romaria todos os anos, e venho a pé porque me sinto melhor e pago minhas promessas lá no Santuário. Dá uma paz caminhar né!? No Bonfim me renovo e volto pra casa satisfeita. Você deve me entender [...]”.

O recorte da entrevista com a senhora Margarida, 54 anos, com 23 km caminhados, demonstra em poucas palavras a qualificação do espaço sagrado. Necessidade humana, nesse tipo de espaço, o homem religioso parece encontrar o *bem* capaz de lhe proporcionar renovação pessoal, fazendo nascer, assim, um *novo dia*. Esse é um pensamento expressamente presente no imaginário popular e

estruturador dos comportamentos religiosos.

O encontro com o espaço sagrado parece imantar forças que preparam este homem para a volta ao mundo social de seu cotidiano, *então seria justo rasgar o que se tem* – tomemos “o que se tem” como a banalidade do dia-a-dia, os espaços e tempos de conforto que cada indivíduo preserva para si. A festa religiosa (CLAVAL, 2014) e o espaço sagrado (ROSENDAHL, 2006) irrompem com o cotidiano, como o tempo comum, e são anunciados e vividos como espaços e tempos extraordinários. Sabendo disso, seria então possível negar as espacialidades culturais dessas realidades religiosas? O geógrafo da religião acredita que não.

A geógrafa Zeny Rosendahl ao reconhecer o devoto e sua vivência no espaço sagrado lhe confere o poder de agente modelador do/no espaço em sua função de criar e recriar as suas instâncias. A geógrafa afirma:

“O espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele do qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e sua divindade.” (ROSENDAHL 2006, p. 122).

Durkheim e Weber, dentre outros, acreditam que o espaço sagrado é uma produção intelectual, aonde o homem

organiza as forças da sociedade e da natureza a fim de satisfazer as suas necessidades psicológicas, criando simbologias familiares à sua cultura. Os estudos destacam que a problemática geográfica que se expressa no âmbito da dimensão simbólica do sagrado deve levar em consideração que a manifestação do sagrado é uma realidade que se exprime por meio de formas simbólicas, e que se desenvolvem e se relacionam no espaço e no tempo. O espaço sagrado, deste modo, reflete as percepções dos grupos envolvidos em sua criação e/ou frequência, demarcando também matrizes temporais sujeitas aos estudos geográficos.

Destarte, o passo a passo que faz parte das promessas dos religiosos não encerra a análise do fenômeno da peregrinação a pé pelos aspectos físicos envolvidos. Quilometragem percorrida, quantidades de horas ou dias gastos, condições e segurança do itinerário, estrutura dos pontos de parada, assistência de acompanhamento, características climáticas, dentre outros, podem ser considerados. Esses itens são importantes, entretanto, é preciso considerar que o passo dado pelo corpo desenha no plano ontológico um ato simbólico de renovação ao crente, o que faz daquele um espaço simbólico, carregado de singularidades e pensamentos que se enquadram num sistema cultural-religioso.

O passo, o novo passo, em referência às peregrinações a pé, se torna possível com a presença marcante do horizonte e uma paisagem que se dá ao pensamento e de um pensamento que se

prolonga em paisagem (COLLOT, 2013). Movimento cinestésico, o passo segue a uma imaginação criadora; o corpo acompanha o embalo da desfeita constante do horizonte¹⁰, que é *logo ali*; e, *o pensamento pode ir às nuvens*, onde mora o bem.

Força e Rompimento, Equilíbrio e Pensamento-Paisagem _____

“A vida não é mole. Precisamos disso aqui ó, se não dançamos [...] A ideia de vir pra cá a gente tira da própria vida, errando e aprendendo. Eu acho que vale muito a pena caminhar dias pro Bonfim. Dá uma boa concentração”.

A narração do senhor Menezes, 46 anos, com cerca de sete dias de peregrinação, denota o saber e a força do homem religioso. Trata-se de uma força não só física, mas também relacionada a aspectos psicológicos – “isso aqui ó” se traduzia ali como um gesto que apontava para a cabeça, querendo o religioso demonstrar sua determinação. A pena da caminhada diz respeito a uma escolha que condiz com o objetivo de superar as mazelas da vida. A própria vida, com seus desacertos, é apontada como fonte da ideia de peregrinar. Na visão religiosa, *o equilíbrio de Deus eleva os pensamentos* e sustenta tal desempenho.

Os direcionamentos geo-cultural-religiosos nos orientam a considerar o sobrenatural como um elemento estruturador de vidas, pensamentos e práticas humanas representadas por meio de formas espaciais presentes nas

paisagens. De tal modo, em geografia, o sobrenatural deve ser tratado para além de compreensões que só o abstraem. Essa visão limitaria a capacidade de pensar a terra e os fenômenos humanos em suas múltiplas dimensões. Na vida, coexistem materialidades, criações imaginárias e suas representações, umas fundidas nas outras, umas criações das outras.

"A paisagem aparece, assim, como uma manifestação exemplar da multidimensionalidade dos fenômenos humanos e sociais, da interdependência do tempo e do espaço e da interação da natureza e da cultura, do econômico e do simbólico, do indivíduo e da sociedade." (COLLOT, 2013, p.15).

Muito nos agrada o conteúdo do sintagma *pensamento-paisagem*, de Michel Collot (2013), o qual considera que a paisagem contém pensamentos que seguem constituições sociais e expressões culturais as quais sempre entram numa relação suscetível a novos e múltiplos entendimentos paisagísticos. A vida se refaz por meio dos pensamentos que direcionamos às paisagens que vivenciamos e/ou imaginamos.

Como objeto de reflexão e representação constante, a paisagem inscreve-se, por esta conotação, como um modelo para pensar a complexidade das peregrinações a pé, à medida que essas fazem surgir paisagens repletas de pensamentos e subjetividades, que, por vezes, se prestam ao espetáculo dos eventos religiosos sociais correlacionados. Passíveis de discussões geográficas, essas

paisagens envolvem certa consciência metafísica (BESSE, 2006), quando do horizonte, os pensamentos parecem se lançar também às estradas, ao caminho. O homem religioso acaba por romper com o seu estado de vida habitual, e se permite a experiência de outros espaços e tempos, e o faz em caminhada na direção de um espaço de forte magnetismo espiritual, que trata do passado e, no presente, comunica prescrições para o futuro (CLAVAL, 2014).

É no plano da percepção que acreditamos que força, rompimento e equilíbrio alimentam o *pensamento-paisagem* dos peregrinos. Desse modo, é plural o campo das intimidades religiosas que se prestam ao exercício das peregrinações a pé, sendo impossível pensar em generalizações quanto ao valor da experiência alcançada pelo peregrino. Fenomenologicamente, cada caminhada ascende experiências e significados que qualificam a peregrinação na topofilia (TUAN, 1980).

O Caminho e a Persistência, o Corpo e a Liberdade

"Cansar a gente cansa, mas isso não impede que a gente siga em frente. O caminho não é muito bom, mas a gente gosta e o importante é não perder a fé e superar as dificuldades [...] Vir ao Bonfim me deixa em paz".

O trecho da fala acima, de Marcos Ferreira, 19 anos, pronunciada depois

de ter caminhado pouco mais de 180 km com um grupo formado por familiares e amigos, sugere uma espécie de experiência topofílica do espaço por meio da paisagem – referimo-nos à peregrinação a pé em si –, reconduzindo a vida do homem religioso para outro patamar, não mais aquele que antecede o ato de sacrifício. Espiritualmente, não seria demais falar numa tentativa de reencontro do homem consigo mesmo, daí a relevância da *liberdade de pensamento*. A *paz* surge como consequência.

Seguir em frente, superar as barreiras, ignorar o cansaço físico, são ações que devem ser relacionados diretamente com a vontade de peregrinar. Além da distância física, geométrica, Merleau-Ponty (2006) nos fala de uma *distância vivida* que liga os indivíduos e as coisas, quando essas têm relevância e existem nas suas vidas. Logo, a experiência do peregrino deve ser vista no interior do espaço, a partir de uma consciência que se expõe no sobe e desce do caminho, pois a alma ocupa lugares (BESSE, 2006)¹¹. Assim, tal experiência se torna a expressão concreta de sua religiosidade, que se traduz em fé, mas que traz efeitos ao corpo. O corpo assume papel de destaque no ato da peregrinação a pé. Os corpos em marcha, em certa comunhão com o meio, desenham ali uma paisagem-texto¹². De fato, há naquela densidade paisagística uma riqueza no que concerne às histórias de vida.

Barbara Adam reflete em sua análise sobre o tempo colocando em interlúdio três possíveis qualificações: a)

tempo do corpo, b) tempo do relógio e c) tempo social. O entendimento do tempo nessas três qualificações é importante para o nosso estudo, em especial as reflexões sobre o tempo do corpo. Para Adam (2004, p. 101), o tempo do corpo, “é (re)produção, regeneração e reparo / cicatrização; é temporalidade, tempo, ritmo, intensidade; é finito e transcendente; é contextual; é vida”¹³.

Por este escopo, compreende-se que a experiência que o corpo realiza no espaço – pense-se no ato do peregrino a pé – faz parte de um único processo que compreende experiências psíquicas e sociais contextualizadas com a vida, reunindo, no presente, passado e futuro em ritmos e intensidades variáveis. Da citação acima, chama atenção ainda o apontamento sobre a capacidade transcendente do tempo do corpo. Da nossa associação com a religiosidade e a música referenciada no início do texto, poder-se-ia falar em um tempo de espera pelo *equilíbrio* de Deus... *Clarabóia invadindo o breu...* Interpretando: vincula-se esta ideia à do tempo que o corpo vivencia na experiência da peregrinação e que corresponde, simbolicamente, com a luz que invade a escuridão e abrandando as tribulações e liberta os pensamentos. “Nosso corpo e nossa percepção sempre nos solicitam a considerar como centro do mundo a paisagem que eles nos oferecem” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 384). Assim, em referência à peregrinação religiosa, a paisagem resultante desta prática desenvolve-se no espaço-tempo da sociedade do

acontecer. É, pois, pelo pensamento em sua relação com o corpo que o peregrino se completa e proporciona visibilidade aos seus atos comportamentais e íntimos.

Na abordagem da religião em geografia torna-se importante considerar as diversas formas e funções nas quais a cultura do homem religioso se expressa e é representada. Se são muitas as representações, também são variadas as possibilidades de interpretação. As referências que utilizamos neste artigo – textos científicos, música e narrações de vida dos peregrinos – nos auxiliaram, assim, na interpretação geográfica das peregrinações a pé. Este artigo aponta a paisagem religiosa como um espaço repleto de sentidos que marcam o religar dos homens com a Terra.

A nossa análise procurou apresentar, mesmo nas entrelinhas, uma interpretação da relação entre paisagem e religião por três caminhos. O primeiro, a paisagem vista por o olhar do peregrino, apreendida por uma consciência e estimada por uma experiência e, assim, significada por um sujeito religioso. Fala-se em paisagens das peregrinações a pé, no plural. O segundo, a paisagem como composição natural e fruto de uma (re)produção social, transformável sob a lógica de uma coletividade, incluindo o poder das instituições, como a Igreja. E o terceiro, a paisagem percebida pelo pesquisador na observação do fenômeno das peregrinações a pé no espaço. Trata-se da paisagem como sistema, produto da ciência (MEINIG, 2002).

A paisagem pensada na peregrinação a pé se torna ainda mais

complexa quando se tem a ideia de que a partir do horizonte o homem recria imaginariamente seu mundo com vistas para um tempo social. Assim, acreditamos que o horizonte deve ser considerado pelo geógrafo que se detém nos estudos de peregrinações. Imbricado à paisagem, o horizonte chega a provocar no homem religioso pensamentos qualificadores que não podem ser desvinculados do tempo e do espaço e da experiência subjetiva que permite certa elevação espiritual. A categoria do tempo do corpo foi apresentada como um dos elementos centrais no entendimento das peregrinações a pé e do *espaço do bem*, relacionando a natureza e a vivência do homem religioso no ato de caminhada.

Notas

¹ Doutorando em Geografia pela UERJ (Rio de Janeiro-RJ). Professor Substituto no Curso de Geografia da UVA (Sobral-CE). Mestre em Geografia pela UFC (Fortaleza-CE). Licenciado e Bacharel em Geografia pela UVA. Desenvolve estudos nas áreas de Geografia Cultural e Geografia da Religião, registrando ainda pesquisas na área de Ensino de Geografia.

E-mail: arilsonxavier@yahoo.com.br.

² Diante de sua densidade filosófica, reconhecemos que a obra de Maurice Merleau-Ponty se configura como uma daquelas que sempre merecerá uma releitura e novos níveis de interpretação.

³ A Romaria do Bonfim, onde se

desenvolve as peregrinações a pé estudadas, acontece na Comunidade de Bonfim, um pequeno distrito do município de Natividade, Tocantins – porção sudoeste do Estado, localizado acerca de 220 km da capital, Palmas. Ver mais em: SOUZA, José Arilson Xavier de. Entendimentos geográficos da religião e peregrinações: em análise a Romaria do Senhor do Bonfim. In: Boletim Goiano de Geografia. Goiânia, v. 32, n. 2, p. 219-238, jul./dez. 2012. URL: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/bg/article/view/21089>

⁴ A título de esclarecimento façamos exceção às classificações que reconhecem peregrinos mais afeitos a comportamentos seculares, importantes, certamente, para outros focos de análise, e tomemos como referência peregrinações realizadas a pé nas quais o peregrino parece se revestir de uma busca que envolve identidade religiosa e devoção.

⁵ “Os geógrafos limitaram muito seus métodos de pesquisa aos estudos de observação e arquivos. A entrevista, onde possível, ou outros meios de coleta de dados sobre percepção, raramente têm sido tentados. Embora haja exceções, a questão do significado da paisagem costuma ser tratada apenas do ponto de vista do próprio pesquisador” (DUNCAN, 2004, p. 93).

⁶ Ver: MARTINS, José de Souza. Sociologia da fotografia e da imagem. São Paulo: Contexto, 2009. Esta obra, ao tratar sobre como o imaginário da fé, enquanto construção social, pode ser influenciado pelo fotógrafo e pela fotografia, proporciona uma discussão a respeito da

sacralização que o corpo recebe em meio às ações religiosas.

⁷ Essa é uma tradução nossa. No texto original aparece assim: “Las peregrinaciones a santuarios (o lugares sagrados) como espacialidade dinámica son procesos rituales que ponen en acción valores y símbolos dominantes de la sociedad. La peregrinación puede ser entendida como um ritual de tránsito liminal que conduce a las personas a un estado emocional que les permite introducirse en un espacio-tiempo sagrado”.

⁸ Referimo-nos a Terra em sua geograficidade, e não como dado bruto a ser medido. Ver DARDEL, Eric. O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011. Para Dardel, a geograficidade expressa a própria essência geográfica do ser que habita o mundo em seus lugares e paisagens, permitindo uma leitura fenomenológica da experiência humana de existir nesta base física.

⁹ Numa perspectiva qualitativa, enveredamos pelo âmbito da pesquisa interpretativista. Deste modo, compreendemos a entrevista como um momento de interatividade entre entrevistador e entrevistado numa coconstrução de significados e reconstrução de identidades. Sugerindo questões abertas, por tal entendimento não se fala no que é falso ou verdadeiro, e sim em experiências que parecem revelar, construir e reconstruir narradores e interlocutores. Conferir: ROLLEMBERG, Ana Tereza Vieira Machado. Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados. In: BASTOS,

Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos (Org.). A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas e análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

¹⁰ O horizonte se constitui, em maior ou em menor grau, de elementos naturais ou artificiais. Na junção desses, um rio, a vegetação, uma serra, casas, um centro comercial, uma estrada, são elementos que podem predominar no horizonte da paisagem, seguindo a uma dinâmica de alteração que responde pela inquietude dos sentidos e da posição do corpo. Sobre tal temática, ver: MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

¹¹ Ler, em especial, o ensaio 1 “Petrarca na Montanha: Os Tormentos da Alma Deslocada” da obra Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia, de Jean-Marc Besse. Cf. referências bibliográficas.

¹² Refere-se aos processos por meio dos quais a paisagem é compreendida metaforicamente como um texto, atuando como instrumento de transmissão e reprodução social. Ver DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). Paisagens, textos e identidade. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2004. COSGROVE, Denis E; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

¹³ Essa é uma tradução nossa. No texto original, que não contém os pontos e vírgulas e cada parte está em uma linha e

centralizado, aparece assim: “is re/production, regeneration and repair/healing; is temporality, timing, intensity; is finite and transcendent; is contextual; is life”.

Referências Bibliográficas_____

ADAM, Barbara. Time. Cambridge: Polity Press, 2004.

BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) Geografia cultural: uma antologia. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

BESSE, Jean-Marc. Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CARBALLO, Cristina Teresa. Repensar el territorio de La expresión religiosa. In: CARBALLO, Cristina Teresa (Org.). Cultura, territorios y prácticas religiosas. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

CLAVAL, Paul. Uma, ou Algumas, Abordagem(ns) Cultural(is) na Geografia Humana? In: Espaços culturais: vivências, imaginações e representações. SERPA, Angelo (Org). Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. A paisagem dos geógrafos. In:

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) Geografia cultural: uma antologia. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

_____. A festa religiosa. In: Ateliê Geográfico, Goiânia: v. 8, n. 1, p.06-29, abr/2014.

COLLOT, Michel. Poética e filosofia da paisagem. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

COSGROVE, Denis E; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DOMINGOS, Vê; FALCÃO, Marcelo; XANDÃO; LOBATO, Marcelo; FARIAS, Lauro; SABOIA, Tom. O horizonte é logo ali. In: O Rappa. Nunca tem fim. Rio de Janeiro: Warner Music, 2013, 1 CD, Faixa 1.

DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org).

Paisagens, textos e identidade. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2004.

MEINING, Donald W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, nº 13, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 3 Ed.

MONTCHEULL, Y. de. Problemas de Vida Espiritual. Coleção “Cidade de Deus”. Tradução de Maria de Lourdes Heider. São Paulo: Duas cidades, 1962.

NOTERMANS, Catrien; JANSEN, Willy. Ex-votos em Lourdes: Materialidade Contestada de Curas Milagrosas. In: Academic Search Elite. Material Religion, vol. 7, issue 2, p. 168-192. Jul. 2011.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org). Explorações geográficas: percursos no fim do Século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. O sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org). Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

SANTOS, Maria da Graça M. Poças. Espiritualidade, Turismo e Território: Estudo Geográfico de Fátima. Estoril: Principia, 2006.

SOUZA, José Arilson Xavier de. Entendimentos geográficos da religião e peregrinações: em análise a Romaria do Senhor do Bonfim. In: Boletim Goiano de Geografia. Goiânia: v. 32, n. 2, p. 219-238, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/21089>

SUAVET, Thomas. A espiritualidade em plena vida. Coleção "Cidade de Deus". 5. Tradução de Rose Maria Muraro. São Paulo: Duas cidades, 1960.

TUAN, Yi-fu. Topofilia. Tradução por Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

